



ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

REVISITANDO A HISTÓRIA DA MORTE NO OCIDENTE

Sharon Martins Vieira Noguêz¹
UNIANDRADE
sheren@hotmail.com

O historiador francês, Philippe Ariès, em *História da morte no ocidente*, explana sobre o comportamento humano diante da morte na sociedade ocidental cristã, apresentando uma pesquisa, sob o ponto de vista histórico e sociológico, das atitudes do homem e da sociedade ocidental perante a morte. O autor discorre sobre como funcionava a relação do moribundo e a sociedade em que vivia. Em cinco capítulos denominados “A morte domada”, “A morte de si mesmo”, “A morte do outro”, “A morte interdita” e “Morte tornada inominável”, o historiador nos informa, segundo cartas e relatos literário, como se dão tais relações.

No primeiro capítulo, percebe-se que o moribundo do século XIX não tinha pressa em morrer. A morte era aguardada ao lado de sua família e esperada no leito de sua cama. O moribundo organizava a própria cerimônia pública de passagem. Até o século XIX, o moribundo, ao percebera chegada deste momento, paulatinamente organizava tudo, tomando todas as providências necessárias previamente.

Sendo assim, o morrer era algo relativamente simples. Dos ritos executados em vida, o primeiro ato era o lamento da vida, logo após o perdão aos companheiros e então o recebimento do sacramento da absolvição. Após o falecimento, ocorria o cortejo e o enterro. Tais ações transformavam a morte em um momento esperado e planejado, uma cerimônia pública dentro do lar, com ritos simples e sem o caráter dramático da dor da perda de um ente querido.

Devido às crenças religiosas, havia o medo de um possível retorno do finado ao mundo dos vivos, sendo assim, os antigos os mantinham a certa distância e o culto funerário tinha, como um dos objetivos, impedir esse possível retorno. Por esta razão, os cemitérios eram localizados fora da cidade e o corpo era enterrado no entorno das igrejas.

Os mais pobres, entretanto, eram enterrados nas chamadas “fossas dos pobres” onde os corpos eram todos amontoados sem caixão. Quando a fossa estava cheia, ela era reaberta, os ossos que ali jaziam eram então dados aos carneiros e a fossa era reutilizada. Tal tratamento prático se dava, pois, a medicina da época ainda era muito limitada e por essa razão, um elevado número de mortos era normal.

¹ Doutoranda do curso de Teoria Literária na Uniandrade - Paraná.



Desse modo, a sociedade da época era familiarizada com o morrer e com a ideia de morte.

A partir do século XIX, a figura de Deus ganha força no rito fúnebre e tem como ação a constatação de comportamento do moribundo no momento da morte. A morte ganha assim, um caráter mais dramático, em que a emoção toma conta deste instante, o que torna a morte um momento mais agitado e a separação um ato não aceito sem dor e sofrimento.

No mesmo século surge também o uso do testamento aliado ao rito fúnebre. As placas de inscrição na sepultura, já a partir do século XVIII, se tornam mais numerosas, o que permite perpetuar a lembrança da pessoa falecida e a morte torna-se, segundo o autor, “o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo”. (ARIÈS, 2012 p. 61)

Sobre o luto, percebe-se que desde a idade média até o século XIX, este sentimento forçava o sobrevivente a uma nova vida social: a pessoa enlutada recebia visita de amigos e familiares e tais instantes propiciavam momentos em que a dor sentida poderia ser liberada e compartilhada, entretanto esses momentos de luto não costumavam ser momentos de extravagância de sentimentos. A partir do século XIX, esse limite é ultrapassado a uma expressão de terrível dor, pois a pessoa enlutada não aceitava mais a morte e também a temia.

Na segunda metade do século XIX, por uma questão de saúde pública e devido à expansão urbana, copia-se o modelo inglês que proibia o enterro no entorno da igreja. O enterro passa então a ocorrer em jardins, marcando-se a posição do túmulo no gramado e depositando-se uma placa de “aqui jaz” ou uma inscrição biográfica.

E no mesmo período, surge o desejo de poupar o moribundo sobre o seu real estado e de evitar a perturbação dos familiares, com isso a morte passa a ser no leito do hospital e o morrer em casa torna-se um inconveniente aos demais familiares. A morte se torna mais aceitável e as manifestações de luto desaparecem. A dor exagerada não gera pena, mas sim repugnância e vergonha. “Hoje é vergonhoso falar da morte como antigamente era vergonhoso falar do sexo e de seus prazeres”. (ARIÈS, 2012, p. 210)

No decorrer do século XX, a cremação se torna popular. O sobrevivente fica menos apegado e há um discreto silêncio sobre a morte, que se tornou proibida e obscena. Hoje o moribundo não é informado, em muitos casos, se seu fim está realmente próximo ou não, a verdade lhe é omitida e o moribundo é tratado como se fosse uma criança do qual a família é responsável, que o separa do mundo e lhe priva da organização de seu próprio fim. A medicina moderna é capaz de proporcionar um prolongamento de vida, mas que muitas vezes possibilita sobreviver em condições indignas.

Com a evolução da medicina, o câncer passa a ter característica assustadora, é preciso que a doença seja algo incurável para que a morte receba esse nome. A morte, neste século, ocorre quase sempre às escondidas. Os médicos atrasam o máximo possível o momento de comunicar a família sobre o fim próximo do moribundo, pois a notícia de futuro falecimento pode gerar perda de



controle, desespero e choro dos familiares e tais expressões perturbam o ambiente hospitalar.

Na sociedade grega, não se existia a preocupação com a morte, como afirma Epicuro (341 – 270 a. C.): “Ela e eu nunca nos encontraremos, se estou vivo é porque ela não chegou e se ela está, então significa que já não estou.” (EPICURO, citado em FEITOSA, 2004, p. 175). Diferentemente da cultura ocidental que associa o medo à ideia de morte, os gregos, em sua maioria, não tinham tais preocupações devido a uma identificação com as leis de sua cidade local e com os seus governantes. A cidade era muito mais do que apenas o local onde se residia, e sim, um grande lar. Tal identificação era tão forte, que a sociedade grega preferia a morte ao, por exemplo, o exílio.

Herbert Marcuse, em *Eros e Civilização*, acerca dessa atitude dos gregos em relação à morte, aponta um sentido político: “As pessoas podem morrer sem terror, quando elas sabem que aquilo que elas amam está protegido da miséria e do esquecimento” (MARCUSE, citado em FEITOSA, 2004, p. 180). Não significa que os gregos não sofriam com a morte de um ente querido, mas que havia uma sensação de segurança, um sentimento de pertencimento tão forte de saber que os entes queridos estariam protegidos pela comunidade na qual eles estavam inseridos.

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre afirma que a morte não seria uma espécie de sombra que persegue o ser humano, pois independente de qualquer razão: “morremos, basicamente porque nascemos” portanto, é necessária uma atitude de superação em vida sobre nossa finitude e existência.

A dor de se perder alguém é a dor mais violenta que o ser humano pode sentir e ao longo dos séculos tornou-se um tabu. Os familiares escondem seu sofrimento e o preço dessa falta de auxílio social no momento de luto é a solidão e desespero. “Naturalmente, na verdade, nunca foi fácil morrer, mas as sociedades tradicionais tinham o hábito de rodear o moribundo e de receber suas comunicações até o seu último suspiro”, (ARIÈS, 2012 p. 274), atualmente, a morte é apenas mais um caso clínico e um número a mais nos hospitais. Tornou-se algo solitário e muitas vezes humilhante ao moribundo, além de embaraçoso aos familiares enlutados.

Percebe-se uma mudança ao longo dos séculos na maneira em que a sociedade lida com a morte, e também uma mudança significativa de valores no ser humano e de sua noção de sua própria finitude.



Referências

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Vozes de bolso, 2016

Recebido em: 23/10/2020

Aprovado em: 10/11/2020